

Identidade cosmopolita global na prática educativa: da utopia à realidade

Pricila Kohls dos Santos ¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Professora Colaboradora

García-Rincón, Cesar de Castro. **Identidad Cosmopolita Global: Un nuevo paradigma educativo-social para un mundo nuevo**. Madrid: PPC Editorial, 2016. 284 p.

Vivemos tempos de economia e sociedade globais. As distâncias físicas foram encurtadas, em certa medida, pelo advento da tecnologia de informação e comunicação. O público e o privado passam por novas configurações, e cada vez mais necessitamos compreender que a humanidade é uma só vivendo em culturas distintas, porém complementares entre si.

Nesta direção, o livro *Identidad Cosmopolita Global: Un nuevo paradigma educativo-social para un mundo nuevo* organizado por César García-Rincón de Castro, a partir de um projeto desenvolvido para os educadores da *Compañía de María*, entidade filantrópica que tem projetos educativos em diferentes países do mundo, apresenta uma reflexão inicial sobre as consequências da globalização para as relações de ensino e de aprendizagem e, ainda mais, para a necessidade de aprendermos a olhar para as individualidades e a globalidade para vivermos uma cidadania compartilhada e cosmopolita.

Nesse sentido, os escritos deste livro são impulsionados pelo seguinte questionamento: “¿Podremos vivir juntos?”. Ou seja, partem do princípio de que o tema gerador para a reflexão e explanação, ao longo da leitura, esteja voltado à real possibilidade de vivermos juntos. Nesse sentido, apoiam-se nos preceitos preconizados pela filosofia da *Compañía de María* para repensar uma prática educativa a partir do desenvolvimento de um projeto humanizador e ao mesmo tempo global.

Assim, partem da proposta pedagógica desenvolvida nos centros educativos da *Compañía de María* em todo o mundo, sendo esta baseada na estratégia de desenvolvimento de competências educativas elaborada por uma equipe de especialistas que são os autores participantes desta obra. De tal modo, o

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

autor procura situar o leitor no panorama histórico em relação ao desenvolvimento humano e aprendizagem, apontando possibilidades para o fazer global a partir do local (aqui entendido como contexto local), ou seja, a partir das individualidades para, assim, apresentar o papel do novo docente que leva em consideração a diversidade, a solidariedade, o humanismo, a identidade e a reflexividade para o desenvolvimento de competências para o desenvolvimento e a prática da identidade cosmopolita global.

O livro é dividido em seis capítulos, mais o epílogo, os quais abarcam os grandes temas citados anteriormente, bem como possibilidades práticas para o desenvolvimento de competências e alternativas para sua avaliação ao longo do processo. Tais capítulos contam com o auxílio dos especialistas, mencionados anteriormente, nos temas de maior especificidade. No primeiro, intitulado *A Identidade Cosmopolita Global como novo paradigma educativo e social no século XXI e na Companhia de Maria*, o autor conta com o auxílio do especialista Luis Aranguren Gonzalo, que procura definir e situar o leitor na reflexão sobre a Identidade Global Cosmopolita no atual contexto sociocultural e global em que vivemos. Ainda assim, apresenta uma reflexão acerca da pirâmide de níveis neurológicos como proposta pedagógica para o modelo social de identidade, e ao final do capítulo apresenta as quatro dimensões-chaves para as competências necessárias para o desenvolvimento da identidade cosmopolita global.

Ainda nesse capítulo são destacados os quatro pontos-chaves para a identidade cosmopolita global, os quais graficamente estão representados por peças de quebra-cabeças como elementos que se encaixam, para a construção de algo maior e com sentido, representando uma sociedade inclusiva na qual todas as peças são necessárias e complementares. As quatro chaves da identidade cosmopolita global são: *Diversidade e Inclusão* – que todos têm espaço e direitos adquiridos e respeitados, desde a perspectiva cultural, econômica e os modos de aprendizagem, sendo disponibilizados a todos os mesmos direitos e oportunidades; *Solidariedade e Justiça* – sendo a solidariedade, as ações, os projetos e a justiça o viés orientador para cada uma das ações; *Utopia e Historicidade* – partem da utopia de um outro mundo possível e com a união de homens e mulheres novos, que desenvolvem ao máximo suas competências a serviço de todos, tendo a história e o passado como chave para se pensar o futuro; e, ainda, pensar nessa utopia a partir das experiências, positivas e negativas, com o intuito de mudar a realidade atual, pois não se pode pensar o futuro deixando de lado a linha do tempo histórica da humanidade. Afinal, o futuro

se constrói a partir dos elementos do passado, com as experiências vivenciadas no presente; *Identidade e Reflexividade* – na qual a identidade individual e coletiva é construída por processos reflexivos e discursivos em que estão em jogo os valores e os direitos humanos perpassados pelos critérios éticos de discernimento e tomada de decisões. Assim, objetiva uma identidade global cosmopolita em detrimento de uma sociedade etiquetada, passiva ou desconectada do mundo.

No segundo capítulo, *A educação para o desenvolvimento humano: um olhar histórico para compreender onde estamos e para onde queremos ir*, a autora M^a Cecília Múnera López apresenta a definição para o conceito de desenvolvimento humano sob o ponto de vista da interdisciplinaridade e como esse conceito pode superar a visão tradicional das abordagens dependentes, econômicas, eurocêntricas ou colonialistas, levando em consideração que o conceito de desenvolvimento humano necessita ser abordado desde os enfoques social, humano e econômico como dependentes e complementares. Nesse capítulo também são abordados o papel da igreja na justiça e solidariedade, bem como o enfoque da aprendizagem global no contexto do século XXI, a chamada Educação para o Desenvolvimento Global (EDG). Contamos com o auxílio do autor Miguel Ardanaz, que nos convida a ver a EDG a partir de uma nova perspectiva, superando a abordagem tradicional e procurando mais dos processos de ensino e aprendizagem global, pois na EDG são apontados quatro níveis de aprendizagem: 1. com diversidade global; 2. com enfoque de direitos; 3. com diálogo e participação; e 4. com pensamento crítico e criativo. Esses quatro níveis têm como pano de fundo o ciclo orientado pelo movimento da sociedade que coopera e da que aprende. A Sociedade que coopera é uma sociedade inclusiva, e, por conseguinte, uma sociedade que aprende, no qual a diversidade é incorporada ao processo de aprendizagem, na qual se aprende a partir da experimentação e da reflexão pessoal, para toda a vida e todas as pessoas e contextos.

No capítulo *A identidade cosmopolita global e sua concretização progressiva em situações de aprendem experiencial e por competências*, o autor apresenta um modelo de competências baseado na contextualização progressiva do saber, saber fazer e saber ser para a identidade cosmopolita global, bem como o novo papel do docente nesse contexto de aprendizagem por competências, no qual o professor é o projetista do conteúdo e o diretor das situações de aprendizagem, atuando como animador e estimulador de novas aprendizagens.

O autor afirma que todas essas competências são programadas e divulgadas em uma série de repertórios ou tabelas de competência em várias situações de aprendizagem que são elaboradas pelos professores e que resultam na ideia de desempenho. O desempenho implica o desenvolvimento de três dimensões-chaves: o *saber* enquanto conhecimento, o *saber fazer*, que são as capacidades, e o *saber ser*, que se refere às atitudes.

No quarto capítulo, intitulado *O desenho de situações de aprendizagem de identidade cosmopolita global: metodologias de desenvolvimento de competências*, aborda que para educar por competências é preciso uma mudança paradigmática do educador, passando de uma pedagogia instrucional, na qual o estudante é apenas o espectador, para uma pedagogia construtiva, na qual o estudante é ator/autor de conhecimento. Para tal, retoma o ciclo de aprendizagem experiencial de David Kolb, também conhecido como Ciclo de Kolb, o qual é baseado em quatro passos de sequência lógica e processual (experienciar, refletir, conceituar e aplicar) que, na experiência do autor, é uma ótima ferramenta para o desenvolvimento de competências. Nesse capítulo o autor também apresenta alguns modelos para o planejamento de situações pedagógicas para colocar em prática os conceitos e preceitos apresentados nos capítulos anteriores, utilizando o Ciclo de Kolb como orientador para o planejamento educativo.

No capítulo quinto, *A avaliação da competência identidade cosmopolita global*, o autor conta com a participação de Isabel Muñoz e Belén Urosa, como especialistas em avaliação de competências, as quais fornecem ferramentas para avaliar o aprendizado, explorando, a partir de exemplos práticos, como tais ferramentas podem ser utilizadas para avaliação de competências. As autoras descrevem cinco passos para esta avaliação: 1. Definir a competência; 2. Identificar suas dimensões; 3. Estabelecer indicadores; 4. Estabelecer níveis de domínio; e 5. Dar forma ao instrumento de avaliação. Apresentam modelos de instrumentos de avaliação e salientam a importância da elaboração destes, atentando para a diversidade de situações/atividades avaliativas para que seja possível perceber o desenvolvimento das competências em diferentes situações.

No sexto capítulo, *Forças centrífugas e expansivas da identidade cosmopolita global nas comunidades educativas*, são apresentados aspectos intervenientes que podem não estar diretamente relacionados com o contexto de sala de aula, como é o exemplo da família, que aparece como parte do tríptico Família-Escola-*Compañia de Maria*; apontando que a educação em valores ocorre nesses três níveis de socialização.

Na família, que é onde se encontra a base dos valores e, por isso, faz-se necessário trazê-la para perto, para o contexto educativo da escola. Na escola, que é o lugar onde se passa grande parte da vida e onde se situa a chave da plataforma educativa. E nas organizações sem fins lucrativos, como o caso da *Companhia de Maria*, as quais primam pelo desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária, comprometidas com a experiência vivida dentro das instituições e que refletem na vida em sociedade.

Tomando como ponto central a figura do educador como dinamizador e catalizador da EDG, o autor compartilha algumas experiências de voluntariado escolar e juvenil, bem como o programa *Young People on the Global Stage* que busca, por meio de alianças internacionais, ferramentas de transformação social, ambas experiências realizadas em escolas espanholas. Apresenta, também, uma ação social na Colômbia e a Rede Cántabra e a Rede Navarra de escolas solidárias, ambas como expressão direta do desenvolvimento da Identidade Cosmopolita Global, nas quais todos contribuem com experiências e inovações que podem inspirar todos nós que estamos comprometidos em fazer um mundo mais justo, humano e habitável.

Ao final, o autor apresenta, no epílogo, reflexões, ações e futuras investigações para não deixar apagar a chama daquilo que foi iniciado na direção da Educação para o Desenvolvimento Global, pois salienta que é urgente educar para um pensamento crítico e global, levando em consideração as virtudes criadoras que são inerentes do ser humano e que não podem deixar de ser estimuladas em prol de um crescimento em solidariedade para todos e com todos.

Nessa direção, a obra aqui apresentada representa uma importante fonte de consulta para subsidiar uma prática educativa mais contextualizada, mais humana e solidária, sem deixar de perceber as individualidades, tanto pessoais quanto locais, dos envolvidos com a educação e considerando as competências necessárias para a atuação em um mundo cada vez mais globalizado. Ainda, reflete a preocupação com o sentido maior da educação e com a possibilidade de esta ser uma importante fonte de transformação pessoal e social, levando em consideração o contexto global para a mudança da realidade local. Transformando a Identidade Cosmopolita Global de utopia em uma realidade possível, desde que, com a participação e envolvimento de toda a sociedade, começando pelas instituições de educação.

Recebido em: 04 de outubro de 2017

Aceito em: 09 de fevereiro de 2018

